

Saberes e fazeres de mulheres rurais: Algumas narrativas

Knowledge and practices of rural women:
Some narratives

Rita Inês Petrykowski Peixe¹

Rosangela Canonica²

Resumo

O conteúdo desse artigo versa sobre histórias, narrativas e experiências da vida de mulheres da área rural de Joinville, em Santa Catarina (Brasil), a partir de uma investigação realizada em 2017, por meio de entrevistas semi-estruturadas e filmagens, que resultaram na produção de um documentário intitulado "O protagonismo feminino na área rural de Joinville". Nele, mulheres de diferentes idades e oriundas de distintos contextos, apresentam aspectos da sua trajetória de vida no campo, suas escolhas, seus desafios e aprendizados, bem como a luta por direitos e reconhecimento. O trabalho objetivou a troca de experiências e vivências, com vistas a evidenciar saberes e fazeres, resultando em interações e reconhecimentos importantes junto às mulheres da área rural. As aproximações propostas deram conta de discutir e tangenciar, por meio de dados, referenciais teóricos e conteúdos da investigação propriamente dita, que resultou em um material visual, destacando aspectos da presença feminina no campo, tanto localmente quanto em contextos mais amplos.

¹ Instituto Federal de Santa Catarina – IFSC/Câmpus Itajaí. Email: ritapeixe@hotmail.com

² Grupo de Investigação DZART/Instituto Federal de Santa Catarina – IFSC/Câmpus Itajaí. Email: canonicarosangela@gmail.com

Palavras chave: Mulheres rurais, narrativas, protagonismo feminino

Abstract

The content of this article is about stories, narratives and life experiences of women in the rural area of Joinville, Santa Catarina (Brazil), from an investigation conducted in 2017, through semi-structured interviews and filming, which resulted in production of a documentary entitled "The female protagonism in the rural area of Joinville". In it, women of different ages and from different contexts present aspects of their rural life trajectory, choices, challenges and learning, as well as the struggle for rights and recognition. The work aimed to exchange experiences, with a view to highlighting knowledge and doing, resulting in important interactions and recognitions with women in rural areas. The proposed approaches were able to discuss and tangent, through data, theoretical references and contents of the research itself, which resulted in a visual material, highlighting aspects of female presence in the field, both locally and in broader contexts.

Keywords: Rural women, narratives, female protagonism

Resumen

Conocimientos y prácticas de las mujeres rurales: Algunas narrativas

El contenido de este artículo trata sobre historias, narraciones y experiencias de vida de mujeres en el área rural de Joinville, Santa Catarina (Brasil), a partir de una investigación realizada en 2017, a través de entrevistas y filmaciones semiestructuradas, que resultaron en la producción de un documental titulado "El protagonismo femenino en la zona rural de Joinville". En él, mujeres de diferentes edades y de diferentes contextos presentan aspectos de su vida en el campo, sus elecciones, sus desafíos y aprendizajes, así como la lucha por los derechos y el reconocimiento. El trabajo tuvo como objetivo intercambiar experiencias, con el fin de resaltar el conocimiento y prácticas desarrolladas, lo que resultó en interacciones y reconocimientos importantes de las mujeres en las zonas rurales. Los enfoques propuestos pudieron debatir y comprender, a través de datos, contenidos teóricos de la investigación en sí, lo que resultó en un material visual,

destacando aspectos de la presencia femenina en el campo, tanto en el medio local como en contextos más amplios.

Palabras clave: Mujeres rurales, narrativas, protagonismo femenino

1. Introdução

A temática desse artigo diz respeito a algumas narrativas de mulheres rurais, seus saberes e fazeres no campo, tendo por objetivo a troca de experiências e vivências, com vistas a evidenciar o protagonismo feminino na área rural. No decorrer de quatro meses foram selecionadas e entrevistadas dezessete (17) mulheres residentes nas propriedades rurais do interior do município de Joinville, em Santa Catarina (Brasil). As narrativas dessas mulheres rurais apresenta, como aporte fundamental, a possibilidade de gerar espaços de pensamento que vão além do seu cotidiano, criando processos de identificação entre o que se diz e o que se vive, sendo, por isso, um convite à auto reflexão. Que histórias emergem e ressonam por meio desses relatos? Quais dessas narrativas se repetem ou se interconectam? Embora individuais, esses conteúdos narrativos inevitavelmente reverberam no coletivo, considerando as interfaces estabelecidas em cada intervenção. Tais construções visibilizam as realidades femininas rurais e representam múltiplas possibilidades reflexivas, contribuindo e alavancando o estabelecimento de vínculos entre as envolvidas.

Assim, apresentamos aqui os percursos pelos quais essa atividade transitou, trazendo alguns dados relativos às condições laborais e sociais das mulheres da área rural no Brasil e, mais especificamente, em Joinville (SC), bem como aspectos históricos e contextuais onde a investigação foi desenvolvida. Na sequência, são apresentados pontos de contato entre o conteúdo da investigação, incluindo outras produções e ainda formas de organização e mobilização das mulheres da área rural, além de discussões mais amplas relacionadas à presença feminina no campo.

Ao término dessa pesquisa e produção do material visual, o qual expõe alguns aspectos do conteúdo coletado, ocorreu a sua exibição, em um encontro

que reuniu mais de duzentas mulheres, tendo sido um estímulo e o reconhecimento da importância e potencial da presença feminina no campo, para outras mulheres da área rural que participaram do evento.

2. O espaço do campo (também) é feminino

Plantio e colheita, cuidados com a produção, manejo da propriedade, atenção à família, ações comunitárias, manualidades... Esse é o dia-a-dia das mulheres nas propriedades rurais Brasil afora, que conciliam as tarefas domésticas, a árdua lida no campo e a participação em atividades da comunidade, entre outros afazeres, em jornadas triplas de trabalho. Contudo, as alegrias e vicissitudes da vida dessas mulheres, seu trabalho e suas lutas parecem não ter muita importância, considerando que elas são invisibilizadas, tanto nos seus contextos quanto num cenário social mais amplo, por razões diversas, que vão desde os aspectos ligados ao gênero, à sua formação, ou ainda pelo volume excessivo de trabalho que a elas é imputado, resultando em tempos escassos para outras atribuições ou reflexões.

Arelado a isso, ainda estão as questões da autoestima, as relações de gênero, a vulnerabilidade à dominação masculina, a violência doméstica, a dificuldade de acesso aos recursos e à informação, a carência de políticas públicas, o desconhecimento dos seus direitos, entre outros fatores. No Brasil, de acordo com os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), aproximadamente 15 milhões de mulheres vivem na área rural, sendo que esse montante representa 47,5% da população residente no campo.

Ainda, conforme indica o site do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), entre as mais de 11 milhões de mulheres com mais de 15 anos de idade que viviam na área rural em 2015, pouco mais da metade (50,3%) eram economicamente ativas. Considerando o rendimento médio, cerca de 30% ganhavam entre meio e um salário mínimo e quase 30% não tinham rendimento. Segundo o último Censo Agropecuário do IBGE, aproximadamente 20% dos empreendimentos rurais do país são dirigidos por mulheres (Brasil/MAPA, 2019).

Os dados apresentados no âmbito nacional refletem os contextos locais, nos quais é possível observar, pelos resultados preliminares do censo agropecuário de 2017 (IBGE, 2019) que, dos pouco mais de 1.700 estabelecimentos agropecuários existentes em Joinville (SC), 25% deles são geridos por mulheres.

2.1 Alguns dados e aproximações ao objeto de investigação

O cenário ora apresentado, parece comprovar a importância das mulheres no meio rural do país, endossada pela sua posição e responsabilidades no âmbito social e familiar, nos contextos locais. Por essa razão, tendo como objetivo a troca de experiências e vivências, com vistas a evidenciar o protagonismo feminino na área rural, a presente investigação foi desenvolvida.

No decorrer de quatro meses foram selecionadas e entrevistadas dezessete (17) mulheres residentes nas propriedades rurais do interior do município, com o propósito de responder alguns questionamentos: de que forma a vida das mulheres na área rural de Joinville, em Santa Catarina (Brasil) pode evidenciar o seu protagonismo e em que circunstâncias essa respeitável presença, pelas suas histórias e experiências, gera empoderamento e serve como referência para outras mulheres do campo?

Essas aproximações e coleta de material resultaram em um vídeo-documentário que revela significativos aspectos da vida dessas mulheres, seus posicionamentos e seu envolvimento com a propriedade, seus anseios, fortalezas e fragilidades, bem como sua presença marcante na área rural de Joinville.

2.2. Joinville (SC), sua história e aspectos da área rural

Para Martins (2015, p. 10) Joinville tem uma história de ocupação com um caráter multicultural, uma vez que a região “viveu a passagem dos sambaquianos, há aproximadamente 6 mil anos, depois dos guaranis e carijós, entre 450 e mil anos atrás. No final do século 17 e início do 18, os ditos *caboclos* (luso-brasileiros), ocuparam as embocaduras dos rios voltados para a Baía da Babitonga, na costa leste, provavelmente desde a fundação do município de São

Francisco do Sul”. Outros imigrantes também estiveram presentes nessa configuração, como os suíços, noruegueses e, por fim, os alemães, que aportaram em maior número, a bordo da barca Colon. Com a chegada desses imigrantes europeus, houve a fundação da cidade em 9 de março de 1851. Inicialmente, foi denominada como Colônia Dona Francisca, em homenagem à princesa Francisca Carolina Gonzaga de Bragança, filha de D. Pedro I, herdeira de uma área de 25 léguas quadradas, recebida como dote de casamento com o príncipe François Ferdinand Phillipe Louis Marie, de Joinville (cidade situada na França).

A chegada dos imigrantes à região foi possível depois de o príncipe ceder, em 1849, oito léguas de área para a Sociedade Colonizadora Hamburguesa, de propriedade do senador Christian Mathias Schroeder. Os primeiros colonizadores chegaram às terras dois anos depois, juntando-se a portugueses e indígenas já estabelecidos na região. Para a expansão da Colônia, ainda conforme Martins (2015), houve a necessidade de se direcionar para o interior, “com a criação de núcleos populacionais, os quais deveriam se transformar em vilas com característica rural, nos moldes das aldeias e comunidades suíças”.

Atraídos pelos baixos preços das terras, muitos colonos se instalaram em áreas próximas às montanhas, “baseados na crença milenar de seus antepassados de que esses solos seriam mais férteis. [...] Os imigrantes viveram negligências, sofreram explorações e foram iludidos por propaganda enganosa, numa história de muita luta e trabalho. Alguns abandonaram suas casas e construíram em outro local, ou iniciaram atividades fora da área rural. Como alternativa, outros passaram a desenvolver atividades manufatureiras, em engenhos e moinhos, e posteriormente, foram trabalhar nas indústrias. Os herdeiros dos colonos que ainda permanecem nas terras de seus antepassados continuam na atividade agrícola familiar, somada ao artesanato e à comercialização de produtos alimentares coloniais” (Martins, 2015, p. 11).

A perspectiva pregressa desses imigrantes, seu modo de vida e suas dificuldades, parecem seguir expressando um pouco daquilo que os atuais colonos têm enfrentado no contexto agrícola da região. Contudo, a despeito de todas essas dificuldades, ainda há uma história de muita superação. As belas paisagens

das chamadas “estradas” que cortam o interior do município de Joinville, com suas casas centenárias - muitas delas preservadas - e ainda alguns engenhos de açúcar e cachaça, uma das atividades rurais importantes da região, são o testemunho da história da mais populosa e “maior cidade catarinense, responsável por cerca de 20% das exportações do Estado de Santa Catarina/Brasil” (Joinville, 2018).

Segundo a publicação *Cidade em Dados* (Joinville, 2018, p. 26), “a base do setor primário do município de Joinville é a agricultura familiar, onde cerca de 97% das propriedades têm menos que 50 hectares”. As atividades desenvolvidas nos 1.715 estabelecimentos - pequenas propriedades - da área rural são responsáveis “por 41% da produção de arroz, 22% da produção de banana, 54% da produção de cana-de-açúcar e 47% da produção de aipim. Dentre outras atividades agropecuárias se destaca a olericultura, floricultura, produção de palmáceas, piscicultura, avicultura, apicultura, bovinocultura de leite e de corte, pesca artesanal, e o próprio turismo rural. O setor agrícola de Joinville desempenha importante função social, econômica e ambiental na região, ocupando uma área de 89.549 hectares” (Joinville, 2018, pp. 30-32).

Em termos gerais, os dados apresentados dão conta de inúmeros fatores que informam as demandas do campo. Porém, no que diz respeito, mais especificamente à população feminina, às suas atividades laborais, às suas relações com a propriedade, às políticas públicas, entre outros aspectos atinentes às mulheres da área rural, as informações são escassas, conforme nos apontam Iwaya e Silva (2009, p. 2) “A região rural de Joinville foi por muito tempo negligenciada pela historiografia local, e como consequência disto, percebe-se a carência de fontes que nos possibilitem olhares múltiplos para este cenário”. Tais constatações e desconhecimentos não se referem apenas ao contexto regional. Elas são perceptíveis no país como um todo.

Nesse sentido, com o intuito de dar visibilidade às trabalhadoras no campo, conhecendo um pouco mais a seu respeito, estimulando “a adoção de medidas que facilitem o acesso delas a recursos e sistemas produtivos de inovação, de forma a aumentar a representação das mulheres no campo da ciência e do uso de novas tecnologias” (Brasil/MAPA, 2019) foi lançada em abril de 2019 a 4ª edição

da campanha #Mulheres Rurais, Mulheres com Direitos. Trata-se de uma iniciativa que tem à frente a Secretaria de Agricultura Familiar e Cooperativismo do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), em parceria com a Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura (FAO), com vistas a “valorizar os direitos das mulheres rurais em todos os níveis, desde as garantias individuais até coletivas, e promover condições para o cumprimento das metas de igualdade de gênero e fim da pobreza rural estabelecidas no âmbito dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável” (Brasil/MAPA, 2019).

Para Bojanic, representante da FAO no Brasil “em todas as regiões do mundo, as mulheres rurais enfrentam mais restrições do que os homens no acesso à terra, insumos agrícolas, água, sementes, tecnologia, ferramentas, crédito, assistência técnica, culturas rentáveis, mercados de produção e cooperativas rurais” (Bojanic, 2017, online). Essa é uma das razões para a criação e fortalecimento de políticas públicas voltadas à cidadania e garantia de direitos dessas mulheres.

A ideia de não secundarizar o trabalho feminino e destacar a importância da mulher na área rural, incluindo nas discussões questões relacionadas à igualdade de gênero, aos direitos das mulheres, ao acesso à informação, a possibilidade de denunciar abusos do parceiro e ter proteção legal, entre outras formas de mobilização, está na pauta das discussões contemporâneas, tanto no âmbito nacional quanto nos contextos locais e, ainda, em importantes canais de comunicação do Estado e do País. Foi o caso do webdocumentário “Sozinhas: histórias de mulheres que sofrem violência no campo”, produzido pela repórter Ângela Bastos, do jornal Diário Catarinense (Diário Catarinense, 2019), o qual foi exibido no mês de julho de 2017. Nele, a jornalista denuncia as formas de violência sofrida, tendo como elemento central as histórias e relatos de algumas mulheres camponesas de Santa Catarina, quarto estado brasileiro mais violento para as mulheres.

Segundo Ângela, “ao perseguir esse viés perverso enraizado numa cultura historicamente de dominação masculina, encontramos mulheres maceradas em um cotidiano de violência física, psicológica e financeira [...] experiências de mulheres que levantam antes de o dia amanhecer, que deitam depois de a noite adormecer. Às vezes, acordadas aos sobressaltos entre a madrugada que cai e a

manhã que raia. Personagens solitariamente assentadas em um campo áspero, árido, tedioso. Sobrecarregadas de trabalho, confinadas nas próprias casas, assustadas com os números” (Diário Catarinense, 2017, s/p).

Diante disso, promover o seu protagonismo e evidenciar sua importância no contexto regional, sua identidade feminina e suas relações de pertinência à vida no campo e à paisagem, os laços de afeto com a família e a propriedade, seus fazeres e saberes, ou mesmo abrir um espaço de denúncia e reivindicação, é dar a essas mulheres um lugar de fala e de reconhecimento, que promova diálogos e oportunize a socialização, bem como possibilite que as mulheres rurais saiam de uma condição de isolamento e invisibilidade, tanto nas estatísticas quanto no seu próprio cotidiano. É, sobretudo, contribuir para que outras mulheres rurais tenham a sua auto-estima fortalecida por meio de ações coletivas que as encorajem e façam com que percebam o valor da sua condição e a importância do seu engajamento, evidenciando direitos, fortalecendo suas lutas e garantindo seu importante papel na sociedade.

3. As mulheres rurais de Joinville e suas nuances: narrativas e histórias de vida como possibilidade de trocas e de empoderamento

Uma aproximação inicial a essa investigação diz respeito à participação em um projeto de pesquisa e extensão desenvolvido junto à área rural, chancelado pela Fundação Cultural de Joinville em parceria com a Fundação Municipal de Desenvolvimento Rural 25 de Julho nos anos de 2016/17, intitulado “ViArtesanias: Identidade Joinville - Produtos Artesanais de Referência Cultural” destinado a artesãos da área rural de Joinville e cuja adesão ocorreu, primordialmente, por mulheres. No decorrer dos dois anos em que o projeto atuou, sob a coordenação de Rita da Costa, foram desenvolvidas atividades relacionadas à criação de produtos artesanais com vistas à provocação criativa e ao estímulo à geração de renda dos participantes, e tais inserções se converteram em motivação para ir a campo e mergulhar nesse universo sensorial, experiencial e narrativo de mulheres da área rural.

Importante considerar que, para Neto (1994, p. 64) “o trabalho de campo é fruto de um momento relacional e prático: as inquietações que nos levam ao

desenvolvimento de uma pesquisa nascem no universo cotidiano”. A percepção da importância do “protagonismo dessas mulheres”, suas trajetórias e construção identitária, do seu modo de vida, das suas histórias e memórias, do seu envolvimento com a comunidade, dão conta de que a vida das mulheres da área rural vai além da sua atividade de plantio e colheita ou ainda do trabalho que desenvolvem no âmbito doméstico.

Essa ideia fortaleceu a motivação para percorrer as muitas estradas que compõem o cenário rural de Joinville e buscar, dentro do espaço onde reside cada uma das 17 (dezessete) entrevistadas, aspectos do seu cotidiano que pudessem responder a questões como: O que é ser mulher na área rural? Quais são os desafios que essas mulheres têm enfrentado? Que aprendizados e conselhos poderiam dar a outras mulheres rurais? Que histórias essas mulheres têm para contar? A partir desse roteiro, foram selecionadas inicialmente 20 (vinte) mulheres, tendo como critério: a) ser mulher residente em regiões distintas da área rural de Joinville (SC); b) independentemente da idade, ter trabalhado ou estar trabalhando há mais de 10 anos no campo; c) ter desenvolvido alguma atividade junto à comunidade. Das vinte mulheres selecionadas, 17 (dezessete) foram entrevistadas, fotografadas e filmadas.

De acordo com o que Neto (1994, p. 63) nos propõe, “fotografias e filmagens se apresentam como recursos de registro aos quais podemos recorrer. Esse registro visual amplia o conhecimento do estudo porque nos proporciona documentar momentos ou situações que ilustram o cotidiano vivenciado” e, a partir dessas vivências cotidianas, é possível construir narrativas. Vale também ressaltar que, por meio da narrativa, “as pessoas lembram o que aconteceu, colocam a experiência em uma sequência, encontram possíveis explicações para isso, e jogam com a cadeia de acontecimentos que constroem a vida individual e social” (Jovchelovitch e Bauer, 2008, p. 91). Nesse sentido, as narrativas envolvem, não apenas os acontecimentos e experiências, mas também as percepções e os sentimentos implicados e, por conseguinte, o reconhecimento dos personagens participantes daquele enredo, “por isso a narrativa não é apenas

uma listagem de acontecimentos, mas uma tentativa de ligá-los, tanto no tempo como no sentido” (Jovchelovitch e Bauer, 2008, p. 92).

Cada uma das entrevistas realizadas seguiu os passos propostos por Schütze (1977 apud Jovchelovitch e Bauer, 2008, pp. 93-94) da entrevista de narrativa e, após concluídas todas as etapas, os diálogos foram transcritos, sendo selecionados alguns trechos que interessavam para a produção do material visual a ser exibido no evento que reuniria as mulheres rurais. Importante considerar aqui os posicionamentos das mulheres com relação ao fato de serem trabalhadoras da área rural. Em sua grande maioria, as mulheres relatam com empatia e orgulho a sua condição de “mulher rural”. Não obstante, esse cenário parece ser algo recente, conforme abordam Salvaro, Lago e Wolff (2013) em seu estudo relacionado às lutas de gênero, identidades políticas e subjetividades de mulheres agricultoras e camponesas no Estado de Santa Catarina.

Anteriormente aos anos 1990 e, mais intensamente a partir do ano 2000, há, na maioria dos estados brasileiros, mobilizações que vão se intensificando e ampliando as discussões em torno da organização de mulheres agricultoras, como nos apontam as autoras: “Nas décadas de 1980 e 1990, em grande medida, as lutas empreendidas pelo MMA/SC [Movimento Mulheres Agricultoras de Santa Catarina] articulavam gênero e classe pela conquista de direitos trabalhistas previdenciários (direitos propiciados, em grande parte, pela Constituição Federal de 1988): sindicalização das mulheres e a disputa da direção do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, reconhecimento da profissão, aposentadoria, auxílio-acidente de trabalho, auxílio doença, salário-maternidade, entre outros” (Salvaro *et. al.*, 2013, p. 81).

Ainda, nessa direção, é importante considerar que essas lutas possibilitaram a mobilização de mulheres -mesmo aquelas que permaneciam no anonimato- pela garantia dos seus direitos, sua identidade política e do seu valor e reconhecimento enquanto trabalhadoras rurais. No site Movimento de Mulheres Camponesas é possível encontrar um panorama completo acerca dessa trajetória de organização feminina, mobilizações e debates protagonizados por elas, além de materiais como textos, cartilhas e folders que orientam ações mais concretas em

torno do tema³: “Lutar sempre foi nossa condição. Desta forma, construímos nossos movimentos autônomos de mulheres. Em nossa trajetória, temos reafirmado a luta das mulheres pela igualdade de direitos e pelo fim de qualquer forma de violência, opressão e exploração praticada contra a mulher e a classe trabalhadora” (Movimento Mulheres Camponesas, 2019, s/p).

A investigação aqui proposta, embora não tenha priorizado aspectos específicos da participação e engajamento das entrevistadas em algum movimento em favor das mulheres do campo ou investigado aspectos relacionados à violência doméstica, abordou reflexões importantes no que diz respeito ao papel das mulheres no contexto rural de Joinville, suas percepções, participação na comunidade e os desafios relacionados à vida no campo. Desde os primeiros questionamentos, que referenciam demandas relacionadas ao que é ser mulher na área rural - as entrevistadas trouxeram a condição feminina para a sua própria realidade, no que diz respeito ao seu cotidiano e, principalmente, ao trabalho. Tal aspecto é recorrente em todas as falas, aludindo às grandes dificuldades e desafios da vida no campo, quer seja pelo pesado serviço braçal, pelas jornadas exaustivas, pelo isolamento, pela escassa mão de obra, entre outros aspectos.

A maioria das mulheres relata a saída precoce dos filhos pela recusa em permanecer na propriedade, dificultando ainda mais a manutenção das atividades. Há também o pouco incentivo por parte do poder público. Todas as mulheres entrevistadas iniciaram muito cedo as atividades, algumas ainda crianças, na lavoura. A maioria delas, salvo as que têm idade avançada, permanecem trabalhando e afirmam que, a despeito das exaustivas jornadas, têm orgulho do ofício que desenvolvem, como é o caso da Eunice Fleith (53 anos): “Ser mulher rural me preenche porque sigo, a partir do exemplo de lutas dos meus antepassados. Sou a quarta geração que trabalha no fabrico da cachaça. Mesmo assumindo uma atividade tradicionalmente masculina, dou continuidade, honrando as gerações que me precederam”. Ela assegura que atualmente há mais espaço e abertura para as mulheres.

³ <http://www.mmcbrazil.com.br/site/node/43>

Já para a apicultora Erika Pfau (68 anos), oriunda de uma família com 7 filhas, as mulheres rurais “têm um poder maior pois possuem as rédeas da sua atividade laboral, pelo domínio daquilo que produzem”. A condição plural e liderança feminina exercida dentro da família e da comunidade requerem da mulher energia e segurança pois “todas têm direitos conquistados pelo trabalho e não podem se subjugar a ninguém”. Erika ainda aponta que, a exemplo das abelhas, no contexto feminino, a vida em comunidade é necessária: “não podemos nos sentir sozinhas”.

A simplicidade, a falta de acesso ao estudo e ao lazer, próprio ou da prole, o grande número de filhos, no caso dessas famílias, na sua maioria, de filhas mulheres que, de acordo com os relatos, dado ao contexto, torna-se um fator de maior dificuldade, a escassez de alimentos, o desconhecimento dos direitos, o isolamento e a distância, entre outros levantados pelas entrevistadas, foram motivações decisivas para algumas escolhas feitas, tanto pelas suas mães quanto por elas, que implicaram em mudanças significativas na sua vida.

Importante endossar que “as mulheres que vivem no contexto rural estão inseridas no trabalho do campo desde muito pequenas, quando vão para a roça acompanhando seus pais por não terem um adulto responsável que cuide delas em casa. Assim, muito precocemente acabam ajudando aos pais em alguns afazeres como, por exemplo, carregando água, alimentando os animais, ou transportando-os de um lugar para o outro”, conforme nos apontam Marques e Silva (2018, p. 7). Em seus estudos, as autoras produzem uma revisão sistemática da literatura sobre o trabalho da mulher no meio rural, publicada em artigos científicos no Brasil no período de 2006 a 2016, assegurando que o trabalho rural feminino, muitas vezes, não é considerado, pois é visto como uma extensão do trabalho doméstico, já que os afazeres rurais podem girar em torno da residência.

Contudo, as mulheres camponesas, além de participarem de todo o trabalho rural, mostram-se presentes e com papéis fundamentalmente importantes em movimentos sociais, buscando por direitos da classe trabalhadora rural. Além disso, as autoras orientam que os estudos científicos brasileiros apresentaram como positiva a promoção de grupos reflexivos que unem as

mulheres rurais, visto que parecem beneficiar a autoestima e potencializar o empoderamento feminino.

No âmbito do presente estudo, é possível destacar que, de certa maneira e como um dos critérios de seleção para sua inclusão, todas as mulheres entrevistadas têm alguma forma de inserção e representatividade nos espaços onde vivem e exercem certa liderança/influência na comunidade, quer seja desenvolvendo atividades por ocasião das reuniões dos grupos de mulheres para trabalhos manuais, ou nos encontros em clubes de mães ou à frente de festividades locais promovidas pelas paróquias.

Conciliar o trabalho na lavoura e fazer bordados, conforme aponta Renate Bloemer (50 anos) é difícil - uma jornada de infinitas tarefas, mas "*é gratificante conseguir dar conta de tudo*". Há aquelas que têm lideranças mais ativas, como é o caso da Diva Walkmann (61 anos), cuja família sindicalizada promoveu, desde muito cedo, a sua ambientação junto à comunidade, bem como lhe garantiu uma certa independência e autonomia nos modos de pensar e agir, principalmente com relação aos saberes e fazeres da agricultura.

Atualmente, seu empreendimento agroecológico é motivo de muito orgulho e bons negócios. Entretanto, nem sempre foi assim. Diva relata as discriminações que sofreu por não usar agrotóxico nas suas lavouras e nos bananais e por desenvolver um manejo mais tradicional, a despeito de todas as recomendações e exigências, inclusive por parte da empresa que prestava assistência técnica à sua propriedade. Sua luta contra a fome se deu pelo trabalho pois, como afirma "ele é um aprendizado que não permite sossego, mas é algo extremamente gratificante [...] tenho muito orgulho de ser uma trabalhadora rural" (Petrykowski Peixe, 2019). Sua experiência na coordenação de grupos, no fomento às lideranças femininas na comunidade é relatada pela agricultora com muita satisfação, como que a reafirmar seu compromisso com as outras mulheres.

Vale ressaltar que o empoderamento das mulheres camponesas, a luta social e a busca pelos direitos iguais são importantes caminhos traçados em favor das transformações de relações de gênero no contexto rural. Porém, isso não é o suficiente. É necessário também a criação de leis e políticas públicas que apoiem e

incentivem estas mulheres trabalhadoras (Lisboa e Lusa, 2010, pp. 9-10; Marques e Quaresma da Silva, 2018; Schwendler, 2015).

Ainda, de acordo com os estudos de Marques e Quaresma da Silva (2018), a partir da busca por direitos que as trabalhadoras rurais vêm desempenhando na última década, percebe-se que, embora a caminhada seja longa, elas já adquiriram algumas conquistas. Atualmente, as mulheres trabalhadoras rurais encontram-se em diversas atividades que as colocam muito mais presentes na sociedade e com reconhecimento de sua importância e protagonismo, tanto na família quanto no trabalho do campo.

Algumas inserções de mulheres do campo, em demais atividades que contribuem para esse reconhecimento social e que foram encontradas nos estudos, dizem respeito a: trabalhos em cooperativas rurais virtuais, grupos para produção de alimentos caseiros, artesanato e no trabalho veterinário (Freitas *et al.*, 2014; Salvaro, Estevam e Felipe, 2014; Thum, Borges e Heck, 2011;) e também como bananicultoras, apicultoras, artesãs, culinárias, educadoras rurais, floricultoras, etc.

O protagonismo das mulheres rurais da região de Joinville reflete a diversidade da atuação e competência feminina no campo. Antes vistas simplesmente como ajudantes, as trabalhadoras rurais têm se destacado em diferentes etapas do processo produtivo de alimentos e outras atividades relacionadas à geração de renda e ao desenvolvimento econômico e social no campo e ainda nas atribuições que requerem organização e representatividade pessoal dessas mulheres.

Dentre tais aspectos, é possível ressaltar que as conquistas mais profundas engendradas por essas mulheres baseiam-se na estima e na força interior, que faz com que cada uma das entrevistadas sinta-se capaz de ir sempre além dos desafios cotidianos no campo, o que as empodera, gerando mecanismos de autonomia que se refletem no contexto social. Isso pode ser evidenciado na entrevista da jovem agricultora Gláucia Schulz, ao afirmar que “quando falo de mulheres agricultoras, não falo apenas de mim mas também das minhas vizinhas, das amigas próximas e distantes, daquelas mulheres que vieram antes de mim, pois sei que os mesmos

problemas que enfrento, também têm sido enfrentados por outras mulheres, que precisam de coragem e determinação” (Petrykowski Peixe, 2019).

Essa ideia de engajamento coletivo para, juntas, vencerem as dificuldades e enfrentar os preconceitos tende a promover novas formas de abordagem, suscitando outros diálogos e manifestando pontos de vista de alteridade, e isso ficou perceptível em diversos relatos durante as entrevistas.

Em razão do limitado tempo disponível no evento para apresentação do documentário, em sua edição foram selecionadas falas pontuais, buscando contemplar, em algum momento, todas as dezessete entrevistadas. Após ampla divulgação da realização em mídias locais e regionais (AMUNESC, 2017)⁴, o 22º Encontro da Mulher Rural foi realizado no dia 05 de julho de 2017, promovido pela Prefeitura de Joinville, por meio da Secretaria de Desenvolvimento Rural (SDRural). Nesse encontro, no decorrer da programação, o documentário foi exibido a mais de duzentas mulheres, tendo sido posteriormente publicado, em 14 de julho, na página da Prefeitura Municipal de Joinville sob o título “O protagonismo feminino na área rural de Joinville”⁵.

Durante o evento, a exibição do material visual na presença das dezessete mulheres participantes da pesquisa e de outras centenas, gerou um clima de alegria e descontração, ao mesmo tempo que promoveu amplos diálogos acerca das suas perspectivas no campo, a partir das falas e exemplos das entrevistadas.

Ouvir histórias da vida de outras mulheres e se identificar com os contextos ali veiculados, provocou sentimentos de encorajamento nas demais mulheres envolvidas, que foram, sobretudo, se permitindo ser visíveis umas para as outras à medida que se percebiam nas experiências mútuas. Deixar a rotina de suas propriedades de lado, tendo por objetivo participar de um encontro de mulheres rurais, pode ser considerado também, muitas vezes, um exemplo de superação.

Os desafios cotidianos, profissionais e pessoais, são permanentes e as mulheres rurais, ao consagrarem interesses comuns, tecem novas relações, onde a

⁴ <https://bit.ly/34TaNCe>

⁵ <https://www.youtube.com/watch?v=PChZrHZIFIE>

união feminina pode desempenhar significativas mudanças. “Pela oportunidade de conhecer e se conectar com outras mulheres, a troca de experiências foi, de fato, uma oportunidade ímpar”, afirmou uma das participantes do evento. Os testemunhos e percepções lançados nessas narrativas transpõem o cotidiano e convidam a novos desafios: o olhar sobre cada aspecto da própria existência, pelo “enfrentar as situações de cabeça erguida”, traduzido nas palavras de Hilda Kersten (80 anos), sexta geração de mulheres agricultoras. E, ainda, na fala de sua neta, Juliana (28 anos) quando completa que ser mulher rural é “dormir com ideias e acordar com atitudes. É gostar e ter o reconhecimento por aquilo que faz.”

3. Conclusões

Diante do exposto, o que mais dizer a respeito do protagonismo feminino na área rural de Joinville? De que forma, no seu cotidiano de “lutas” e em meio ao intenso volume de trabalho, essas mulheres se tornam personagens principais, donas da sua própria história?

As aproximações aqui propostas deram conta de discutir e tangenciar, por meio de dados, referenciais teóricos e conteúdos da investigação propriamente dita, que resultou em um material visual, destacando aspectos da presença feminina no campo, suas lutas, avanços e conquistas, tanto localmente quanto em contextos mais amplos.

Promover investigações que contemplem essas narrativas possibilitou ampliar os horizontes de discussão e reflexão de pessoas socialmente invisibilizadas e que, por meio da palavra e das imagens, tiveram oportunidade de expor as suas experiências empíricas, construindo novos modos de ver e se fazer ver, pois “comunidades, grupos sociais e subculturas contam histórias com palavras e sentidos que são específicos à sua experiência e ao seu modo de vida” (Jovchelovitch e Bauer, 2008, p. 91).

Importante considerar que o registro visual, tanto na forma de fotografia quanto em filmagens, contribuiu significativamente para consecução dos objetivos propostos. Embora que “toda pesquisa com entrevista é um processo social, uma interação ou um empreendimento cooperativo, em que as palavras são o meio

principal de troca” (Gaskell, 2008, p. 73), o registro visual ratifica esses processos interativos e promove outras formas de percepção, pelo reconhecimento de si e do outro.

Ressaltamos ainda que, embora a problemática da mulher no campo tenha aspectos generalizáveis para outras regiões do Brasil, há especificidades da região Sul do país e, no caso, de Joinville, em Santa Catarina, que incidem diretamente, tanto na forma como se organiza o espaço rural quanto nas relações das mulheres com a terra e o trabalho e isso fica explícito na exposição ora realizada. A ideia de troca de experiências que tangenciou a presente investigação foi concretizada, na medida em que as mulheres envolvidas - tanto as que participaram da pesquisa quanto aquelas que se fizeram presentes no evento - trouxeram à tona os seus conhecimentos e vivências, por meio dos relatos, evidenciando seu protagonismo. Mulheres, segundo a Fundadora do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher, “estão construindo uma nova ordem simbólica, na qual o grande ‘outro’ é a vida (viver e deixar viver), e ajudando a desconstruir a atual ordem universal de poder” (Muraro, 2001, s/p).

Mulheres como a Diva, a Renate, a Erika e tantas outras, que falam da vida e da experiência de vida de outras tantas Diva’s, Renate’s, Erika’s. Mulheres que doam-se ao universo rural sem, contudo, se isolarem em seus contextos. Mulheres empoderadas, envolvidas, fortes e lutadoras, que acolhem e que se acolhem, que se reconhecem nas suas narrativas e trajetórias, que se aproximam dos fazeres e saberes de outras mulheres, cujos desafios carregam a força da representatividade feminina nesses cenários rurais da região de Joinville (SC).

Referências bibliográficas

- AMUNESC - Associação dos Municípios do Norte de Santa Catarina (2019). *Encontro da mulher rural destaca representatividade feminina na agricultura*. Disponível em <https://bit.ly/34TaNCe>
- Bojanic, A. (2017). A importância das mulheres rurais no desenvolvimento sustentável do futuro. Disponível em <https://bit.ly/2LkoeDG>

- BRASIL/MAPA. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. (2019) Disponível em <https://bit.ly/3822u9j>
- Diário Catarinense (2019, maio). *Sozinhas: histórias de mulheres que sofrem violência no campo*. Reportagem de Ângela Bastos em 4 de julho de 2017. Disponível em <https://bit.ly/363XFuj>
- Freitas, S.L.R, Abreu, M.P, Mesquita, G.R.I, Jaime, V.S., Gordo, J.M.L e Silva, LAF (2014). Diferenças entre os gêneros nas assistências técnica e extensão rural realizada por médicos veterinários: paradigmas ou preconceitos. *Revista Ceres*, 61(1), 1-8.
- Gaskell, G. (2008) Entrevistas individuais e grupais. Em G. Gaskell e M. W. Bauer (Eds.), *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático* (pp. 64-89). Petrópolis: Vozes.
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2019). *Censo Agro 2017*. Disponível em <https://bit.ly/361LuOO>
- Iwaya. M. E. H. e da Silva, J.G. (2019). Meu pedacinho de céu”: a região rural de Joinville narrada pelas suas mulheres. VI EPCC Encontro Internacional de Produção Científica Cesumar em outubro de 2009. Disponível em <https://bit.ly/33STkZk>
- Joinville. Prefeitura de Joinville (2019, maio): Cidade em dados 2018. Disponível em <https://bit.ly/2ONUp0z>
- Jovchelovitch, S. e Bauer, M. W. (2008). Entrevista narrativa. Em G. Gaskell e M. W. Bauer (Eds.), *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático* (pp. 90-113). Petrópolis: Vozes.
- Lisboa, T.K. e Lusa, M.G. (2010). Desenvolvimento sustentável com perspectiva de gênero – Brasil, México e Cuba: mulheres protagonistas no meio rural. *Revista Estudos Feministas*, 16(3), 871-887.
- Marques, G. da S. e Quaresma da Silva, D. R. (2018). Invisibilidade das mulheres trabalhadoras rurais: as produções científicas da psicologia no Brasil. *Psicologia em Estudo*, 23, 1-16.
- Martins, R. B. (2015). Cantos e(n)cantos: vivendo a área rural. Roteiro turístico, arquitetônico e cultural cidade de Joinville. Joinville-SC: R. Barreto Martins.

- Movimento Mulheres Camponesas/BRASIL. (2019). Disponível em <https://bit.ly/34Pq0Et>
- Muraro, R. M. (2001). Por uma nova ordem simbólica. Folha de São Paulo, 8 mar. 2001. Tendência e Debates. Disponível em <https://bit.ly/2DLfMZP>
- Neto, O. C. (1994). O trabalho de campo como descoberta e criação. Em M. C. de Souza Minayo (Org.), *Pesquisa social: teoria, método e criatividade* (pp. 51-66). Petrópolis-RJ: Vozes.
- Petrykowski Peixe, R. I. (2019, maio). O protagonismo feminino na área rural de Joinville. 2017. Disponível em <https://bit.ly/361P2k6>
- Salvaro, G.I.J, Estevam, D.O e Felipe, D.F. (2014). Mulheres em cooperativas rurais virtuais: reflexões sobre gênero e subjetividade. *Revista Psicologia Ciência e Profissão*, 34(2), 390-405.
- Salvaro, G. I. J., Lago, M. C. e Wolff, C. S. (2013). "Mulheres agricultoras" e "mulheres camponesas": lutas de gênero, identidades políticas e subjetividades. *Psicologia & Sociedade*, 25(1), 79-89.
- Schwendler, S. F. (2015). O processo pedagógico da luta de gênero na luta pela terra: o desafio de transformar práticas e relações sociais. *Educar em Revista*, 55(1), 87-109.
- Thum, M.A, Borges, A.M e Heck, R.M (2011). Saberes relacionados ao autocuidado entre mulheres da área rural do Sul do Brasil. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 32(3), 576-82.

Recebido em: 27 de setembro de 2019

Aceito em: 5 de dezembro de 2019



Revista Educación, Política y Sociedad (ISSN 2445-4109) está distribuida bajo una [Licencia Creative Commons Atribución-NoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)